

O IMAGINÁRIO DO FEMININO E A RETÓRICA DA FEMINIZAÇÃO NO DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA E NA COLONIZAÇÃO DO BRASIL*

Pedro Carlos Louzada FONSECA¹

RESUMO

O trabalho encontra-se filiado à linha de pesquisa dos estudos pós-colonialistas na perspectiva do discurso do gênero (gender discourse). Com base em achados teóricos e críticos pertinentes à postura feminista, o trabalho tem por objetivo examinar alguns aspectos da representação da imagem feminina e de seu processo retórico de feminização. Esses expedientes discursivos, além de seu propósito referencial, encontram-se ideariamente carregados ao se fazerem estrategicamente presentes no discurso dos primeiros textos da descoberta da América e da colonização do Brasil. Nesse tipo de engendramento colonialista mundonovista, pode ser verificado que o seu discurso figurativo e argumentativo sustenta a manipulação de uma forjada imagem da ameríndia que é construída de forma ideológica e simbólica. Tanto em momentos eufóricos quanto disfóricos dessa visão descobridora e colonialista, essa sobredeterminação discursiva da imagem da ameríndia, por antonomásia representando a imagem da própria América, torna-se sexualizada, na medida em que objetiva a inferioridade do outro sexual por conferir-lhe natureza e atributos bárbaros e bestializantes. Esse processo elaboradamente retórico visa preservar uma forma de domínio baseada numa espécie de política sociocultural e histórica de prerrogativas androcêntricas que, características da mentalidade fundadora da tradição civilizacional e cultural da Europa ocidental, se apresentam desde sempre autoinvestidas de qualidades e capacidades superiores.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso colonialista do Novo Mundo; Engendramento; Ordem política e ideológica.

A revisão a que tem se submetido a questão do gênero, examinada pela reflexão crítica desconstrutora da dominância patriarcal, tem sido considerada, a exemplo do que faz Ken K. Ruthven (1984: 9), como um determinante crucial na processo de formação e consumo do discurso literário. Na esteira dessa postura revisionista propugnada pelas

* Este trabalho se apresenta como produto parcial do projeto de pesquisa intitulado Mulher Difamada e Mulher Defendida no Pensamento Medieval: Textos Fundadores, que, integrando a Rede Goiana de Pesquisa sobre a Mulher na Cultura e na Literatura Ocidental da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), é coordenado pelo Prof. Dr. Pedro Carlos Louzada Fonseca, com apoio financeiro dessa Fundação para o período de 2014-2016.

¹ UFG, Faculdade de Letras, Departamento de Estudos Literários, Campus II (Samambaia) Caixa Postal 131, CEP: 74.001-970, Goiânia, Goiás, Brasil, E-mail: pfonseca@globo.com.

considerações feministas, chegou-se mesmo a afirmar que a cultura ocidental preserva a tradição de se fundamentar na ideia da centralidade inteligível do falo, ou seja, numa imputada situação falocêntrica (Cuddon, 1992: 131).

No terreno linguístico, sede fundamental das formações culturais, essa ideia da sexualização simbólica encontra, nas línguas ocidentais, a sua autenticação fálica, a partir própria gramática, onde o masculino representa uma forma geral, universal ou não-marcada, ao passo que a forma feminina é marcada por um sufixo ou qualquer outra variante (Showalter, 1989: 2). Desse modo, a seguir essa construção ideológica informada nas pegadas da filosofia aristotélica da geração das espécies, o masculino é a realidade formal, prototípica, da qual deriva, por transformação, a realidade feminina.

O peso fundamental de noções essencialistas e de ordem simbólica como essas veio a outorgar ao discurso patriarcal dominante da tradição a prerrogativa de ele poder identificar e determinar a inscrição das identidades sexuais em todos os âmbitos da atividade humana, desde o social, cultural e histórico até o psicológico e particular. Por isso, entre outros posicionamentos, a crítica feminista, no propósito de dismantelar as capciosas estruturas centralizadoras, binárias e hierarquizantes desse discurso masculinista, reconhece a realidade da construção social, histórica, cultural e simbólica dos gêneros sexuais, mostrando que é impossível, no dizer de Judith Shapiro (1981: 12), que os cientistas sociais evitem, nos seus estudos de diferenciação social, a questão do tratamento do gênero, da mesma forma que não lhes é possível evitar o tratamento de certos assuntos como posição, classe e relações sociais.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Cora Kaplan (1986: 141) comenta que privilegiar o gênero isolado de outras formas de determinação social oferece uma leitura parcial que a diferença sexual desempenha no discurso literário, uma leitura que não considera os seus mais problemáticos e contraditórios sentidos.

Isso se explica pelo fato de o discurso patriarcal da cultura dominante dispor de uma estruturação hierarquizante de superposição do masculino sobre o feminino no seu entendimento das relações de gênero não como simples formas binárias mas, sobretudo, já apresentadas, sempre ordenadas e divididas em função de outros termos sociais e culturais, outras categorias de diferença, as quais podem incluir classe, raça e diferenças sexuais (Kaplan, 1986: 148). Dessa forma, considerar o gênero em termos de mera diferença sexual e sem recorrer a essas expressões de poder hierárquico, obscurece sem, entretanto, deixar de legitimar, conforme explica Catherine Mackinnon (1987: 32), o modo pelo qual o gênero é imposto por força.

Tendo por base as reflexões acima, o presente estudo das imagens femininas e de feminização, enquanto tropologias do discurso do gênero na conquista da América, verifica que a questão do gênero carrega consigo uma verdadeira carga de valorização simbólica que se apresenta motivada e agenciada em função de construções sociais, históricas e culturais.

Uma das mais básicas disposições ideológicas e simbólicas da avaliação da questão da alteridade, verificada no pensamento histórico e cultural do Ocidente de origem greco-romana, consiste na consideração tropológica do Oriente como um *locus* principalmente construído por imagens características da regência do feminino. De forma estratégica, ideológica e politicamente informada, essa mesma visão androcêntrica ocidental torna-se aplicada para representar a realidade das terras e das gentes do chamado Novo Mundo. Dessa forma, e atendendo às disposições masculinistas inerentes a essa hegemonia ocidental civilizadora, a sedução simbólica do gênero feminino, entre outras funções correlatas, atribuída à realidade natural e humana mundonovistas, devia ser controlada e consumida através da construção de um imaginário formado por imagens da sensualidade e da sexualidade, num misto de prazer e promocionalidade, senão de pragmatismo.

Essa vertente política ‘orientalista’ do discurso androcêntrico ocidental conferido agora na realidade americana, tal qual no seu modelo oriental, conforme será exemplificado em alguns textos referentes aos descobrimentos e conquista das novas terras, torna-se envolvida com metáforas de escrutínio erotizado, de penetração e de consumo. É nesse sentido que a recorrência a uma sexualização da paisagem, conforme comentam Ella Shohat e Robert Stamm (1994: 146), comanda, nesse discurso que conquista e coloniza falocentricamente, um observador masculino que antecipa o completo conhecimento da natureza apresentada como um corpo feminino desnudo.

Um exemplo clássico, entre as várias iconografias feitas no contexto americano das descobertas e conquista, dessa atitude de posse de novas geografias, que se tornaram alegoricamente feminizadas pelo explorador e conquistador europeus, é a conhecida gravura de Theodor Galle do século XVI que representa o encontro da América por Américo Vespúcio.



Figura 1. Alegoria da América feminizada e animalizada (ca. 1580). Theodor Galle (1571-1633). Gravura em metal baseada em um desenho de Jan van der Straet (1523-1605). *Recueil Factice Historiques Amérique*. Tome Unique, 1638.

Construído com base numa figuração de relações assimétricas de poder, esse encontro aproxima imagens de desejo e apetência pela realidade natural e sensual indígena a imagens de repulsão ao perigo selvagem e ameaçador que essa mesma realidade americana representa. Entretanto, essa representação torna-se, sobretudo, androcêntrica e cultural na medida em que a naturalidade dessa América feminina, ambivalentemente atraente e repulsiva, se subalterniza diante da superioridade civilizacional e sexual do conquistador europeu. Nesse sentido, verifica-se aqui ainda a presença de um complexo psicosssexual inerente à ética masculinista da noção de conquista enquanto valia emuladora, tão cara ao imaginário cultural do homem ocidental.

A personificação da América da gravura de Galle, conseguida pela representação do gênero, destaca, em primeiro plano, uma aborígene nua, de suposta pretensão sensual que, passivamente reclinada em sua rede nativa, encena a recepção, num gesto não menos suposto de surpreendida espera, do ádvena europeu simbolizado pela figura de Américo Vespúcio. O conquistador, apesar de sua postura hierática, se aproveita, ainda que pelo olhar perscrutador, da paisagem americana que se revela extremamente sensorial, atraente pela sua mobilidade, variedade e estranheza natural.

Essa América perscrutada é essencialmente biológica e particularmente sensorial na expressão dos seus instintos e apetites. É o *locus* de uma atração sensual representada pelo nu corporal associado ao sensorial carnal que a prática culinária do canibalismo primitivo promove. Como efeito final, essa espécie de crueza natural e exótica adquire uma semântica erótica frente ao penetrante olhar do conquistador ávido por saciar a fruição dos seus impulsos despertados. Entretanto, esse conquistador, por dever expressar as prerrogativas dignas do seu papel, ostenta uma postura padronizada por motivos emblemáticos que representam, não só em termos de valores seculares mas também espirituais, a sua realidade patriarcal moldada ao tradicional feitio europeu preservado na época.

Assim é que esse conquistador mundonovista, vestido de forma protocolar, exhibe à indígena expectante, na sua mão esquerda, os mais recentes instrumentos da sua tecnologia de navegação, enquanto, na direita, segura o estandarte da conquista coroado com a cruz crística da tradição cruzadística. Na cintura, carrega a espada e, no seu semblante, exhibe um olhar que perscruta e aguarda o ‘excitamento’ civilizacional, prometido no moto latino inscrito na parte inferior da gravura, da indolente e desnuda América: “*American Americus retexit, & Semel vocavit inde semper excitam*” [Américo despertou a América e dessa forma chamada ficou daí em diante sempre desperta].

Entre os tropos dos descobrimentos e colonização da América, destaca-se essa frequente representação feminizada e desnudada do corpo natural americano como estratégia para a sua reificação e posse, lembrando-se aqui o que John Berger (1997: 54) comenta acerca da condição de um corpo nu ser considerado um objeto.

Representações alegóricas da América dos descobrimentos e colonização, como essa de Galle, apoiam-se na construção maniqueísta tradicional de um hegemônico discurso europeu que se fundamenta numa lógica de oposições binárias, em que a posição de superioridade, conquista e domínio encontra-se no masculino e a de inferioridade, na sua contraparte feminina. E, característica dessa lógica masculinista é a promoção de uma ética de subordinação do outro a um processo de feminização, que se torna dominado e sequestrado no reconhecimento da sua verdadeira alteridade. Shohat e Stamm (1994: 141), estudando a projeção espacial desse androcêntrico complexo cultural europeu em situação de conquista, comentam que ele se identifica como um numinoso *locus* de racionalidade, que se superpõe a uma nebulosa e caótica periferia

física e humana a ser conquistada e civilizada, projetada como lados tangíveis de uma violenta e anárquica luxúria.

Essa lógica de oposições hierárquicas entre o europeu e o outro alienígena representa-se, no contexto dos descobrimentos e colonização verificados tanto em direção ao Oriente como em direção à América, sustentada por binarismos morais de natureza sexual que sediam o descoberto e colonizado em imorais geografias selvagens e erotizadas, verdadeiros territórios virgens e encobertos, imaginados prontos para fantasias simbólicas de estupro e resgate (Shohat; Stamm, 1994: 141).

Essa construção tropológica da feminização da América e da sua realidade natural, assim orientada por uma política sexual, torna-se, a partir dos primeiros textos dos descobrimentos e colonização, um verdadeiro expediente retórico que se relaciona com outras tropologias dela derivadas, conforme discute Hayden White (1992: 2), ao tratar da importância dos tropos nesse tipo de discurso histórico, sem os quais ele não pode realizar o seu trabalho, nem conseguir a sua finalidade.

Assim reduzida ao feminino, a América torna-se representada de forma sobredeterminada pela complexa, senão ambivalente, visão patriarcalista que o seu descobridor e colonizador têm da sua outridade sexual. Essa visão, ressoando aspectos da sua formação misógina, completa-se ainda com o recurso a outros tropos relacionados ao da feminização, como por exemplo, a animalização que, quando referida à figura da ameríndia, torna-a frequentemente lembrada por sua incontida lascívia associada à selvageria. É nesse sentido que Frantz Fanon (1963: 41-43) observa que o descobridor e colonizador da América, quando preocupados em descrever o nativo, de maneira completa e em termos exatos, constantemente se recorrem ao bestiário para ilustrarem as suas descrições e comparações.

Esse tropos da animalização, intimamente ligado à visão da América enquanto realidade feminina – e, portanto, trazendo no seu sentido íntimo aspectos derogatórios próprios do ideário androcêntrico europeu –, é comentado por Shohat e Stamm (1994: 137) como constituindo parte de um mais amplo, mais difuso mecanismo que consiste em naturalizar a realidade alienígena, isto é, reduzir o seu componente cultural ao biológico. Ao associar o colonizado antes ao vegetativo e instintivo do que ao instruído e cultural – projetando, dessa forma, os povos colonizados mais como corpo do que mente –, o mundo do gentílico é visto mais como material cru do que como atividade mental e manufaturada.

Portanto, nessa ordem de ideias, a imagem do feminino, na perspectiva da arraigada tradição misógina europeia, já traz no seu íntimo foro semântico a noção de que essa imagem em si mesma identifica a vertente bestial da realidade natural, cuja animalidade se expressa maioritariamente na condição incivilizada e selvagem, como na América da época das descobertas e colonização.

Ainda nesse discurso, que reduz a realidade americana ao tratamento de uma política de sexualização equacionada ao feminino, além da derrogação da animalização acima mencionada, essa realidade feminina americana tem a sua denegação reforçada pelo tropos da infantilização, através da qual a América-mulher, enquanto raça primitiva, é retratada como criança, em contraste com os adultos desenvolvidos das raças civilizadas. Nancy Tuana (1993: 38) aborda esse tema comentando que essa imagem justifica um tipo de paternalismo racial e de gênero, em que todas as mulheres e algumas raças de homens necessitam a direção e o controle de representantes masculinos superiores.

Entretanto, essa construção tropológica denegridora convive, de forma politicamente estratégica, nesse discurso patriarcalista carregado de marcas misóginas herdadas da tradição, com uma contraparte sua representada por uma desejosa expectativa de benesses que compõem o projeto promocional material e espiritual dos descobrimentos e colonização. É nesse sentido que aquela mesma metáfora do feminino, empregada de forma discriminatória para retratar a realidade americana, serve ainda para retratar essa mesma realidade de forma promissora e eufórica, reproduzindo-se aqui o que R. Howard Bloch (1995: 180-206) considera como fundamental para o entendimento do retrato do feminino na cultura europeia ocidental: a ideia da existência de um “paradoxo da perfeição” a representar a presença do feminino que se equilibra, de forma ambivalente, na sua regência concomitante de valores morais orientados para o bem e para o mal.

Transferida para a retratação da natureza e da realidade humana americanas, essa oscilação da imagem do feminino, ora como adversidade ou como prodigalidade, instrui o chamado discurso do gênero nos descobrimentos e colonização da América (Fonseca, 2011: 197-278). Dessa forma, em termos figurados, aquela mesma feminilidade americana, caracterizada como bárbara por sua bestialização e por sua natural brutalidade indolente e hostil, oferece a sua natureza virgem, idealizada como fértil e pródiga por sua disponibilidade à fecundação civilizatória do europeu, como lugar e motivo para um discurso descobridor e colonialista triunfalista, na medida em que a

disforia e o ceticismo cedem lugar ou convivem com a euforia e o otimismo. Em termos de identificação da realidade humana aborígene, essa problemática ambivalente enfoca a ameríndia ora como uma beleza física e moralmente apreciável, ora como um ser responsável pelo grotesco, imoral e destruidor.

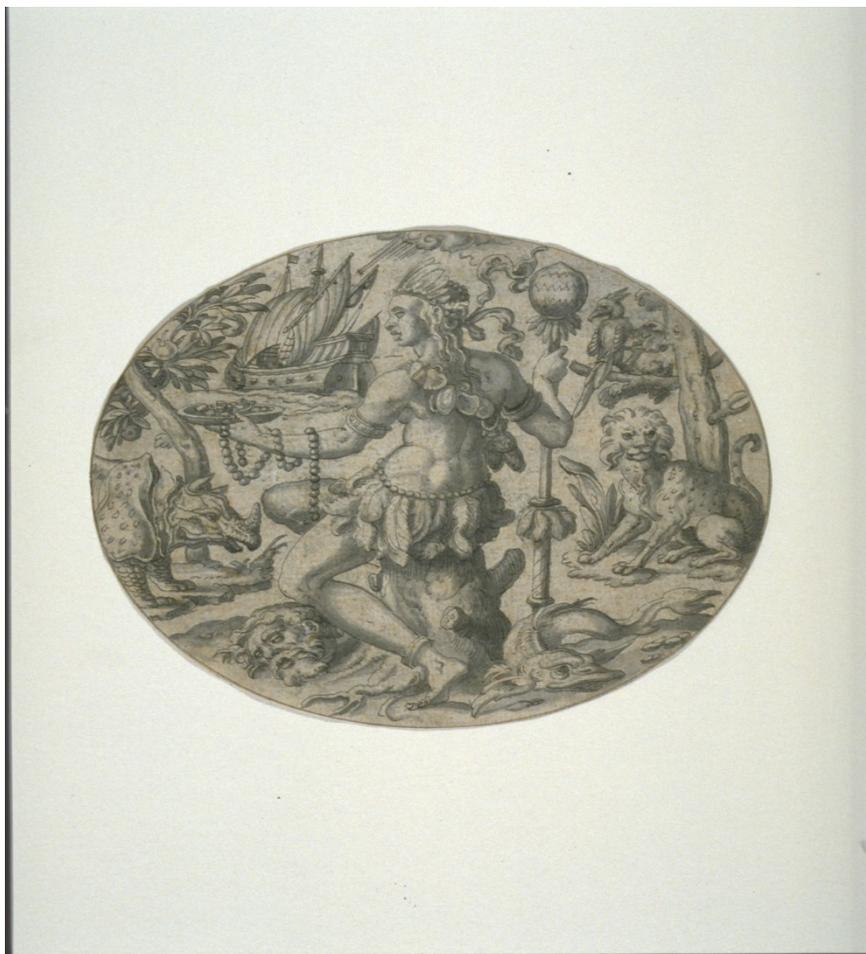


Figura 2. *Allegorical Representation of America* [Representação alegórica da América] (ca. 1600). Atribuído a Maarten de Vos (1532-1603). University of Michigan Museum of Art. Purchase 1960/2.24.

Essa variação das orientações ideárias do tropos da feminização da América, bastante recorrente no discurso dos seus descobrimentos e colonização, já comparece no que pode ser considerado como discurso protocolonialista, isto é, nos primeiros textos e representações iconográficas da realidade americana, especialmente em referência à retratação da ameríndia. Como exemplo característico da vertente eufórica e prazerosa nesses registros que sexualizam a América, a exótica ameríndia é apreciada pelo descobridor e colonizador como objeto de uma curiosidade e interesse eróticos, na medida em que eles escrutinam e penetram com o olhar a perfeição do seu corpo

conferida na sua boa compostura genital e na sua ingenuidade e isenção de malícia na exposição do seu sexo.

Pero Vaz de Caminha, um dos primeiros observadores desse aspecto faz as seguintes descrições das brasilíndias na sua Carta de “descobrimento” do Brasil, datada em 1500:

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam (1965:21).

E, mais adiante, nesse mesmo tom de descrição erótica da ‘beldade’ brasilíndia acrescenta Caminha, sem pejo e bastante desportivo pelo seu tom de jocosidade conseguida pelo trocadilho malicioso, o seguinte comentário:

E uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima, daquela tintura e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela (1965: 23).

Apesar de se situar no contexto das descobertas e colonização da América anglicana, Sir Walter Raleigh, em *A Voyage for the Discovery of Guiana* (1595), de maneira muito semelhante a Caminha, metaforiza o território descoberto com imagens da inteireza e da modéstia genital, quando comenta que “Guiana is a country that has yet her maidenhood” [Guiana é um país que ainda tem a sua virgindade] (LUNENFELD, 1991, p. 234; tradução minha).

Esses comentários acerca da sexualização da América conferida no gênero feminino encontram o seu exemplo pioneiro em Cristóvão Colombo, embora no Almirante não haja a referência direta à figura da ameríndia que, entretanto, por contiguidade e analogia cede a vez da sua representação a um *topos* bastante presente na literatura dos descobrimentos e colonização americanos, qual seja, o motivo edênico ou paradisíaco.

Em Colombo, a faceta espiritual e mística do seu projeto de conquista material torna-se alegorizada por imagens buscadas ao corpo da mulher, cumprindo-se aqui o que Stephen Greenblatt (1991, p. 71) comenta acerca da interconvertibilidade entre o material e o espiritual no discurso do Almirante. É o caso da conhecida e singular descrição da localização do Paraíso Terreal idealizado por Colombo, encontrada na sua carta aos Reis Católicos, datada de 31 de agosto de 1498 e referente à sua terceira

viagem ao Novo Mundo, na qual diz ter navegado bem próximo ao sítio sagrado da tradição bíblica.

Na descrição, em que tudo deveria parecer motivo de piedade e de fé, o misticismo do edênico se alia ao sensual buscado ao corpo feminino:

Yo siempre leí que el mundo, tierra e agua, era esférico, e las autoridades y experiencias que Tolomeo y todos los otros escribieron de este sitio daban e amostraban para ello, así por eclipses de la Luna y otras demonstraciones que hacen de Oriente fasta Occidente, como de la elevación del polo de Septentrión en Austro. Agora vi tanta disconformidad, como ya dije, y por esto me puse a tener esto del mundo, y fallé que no era redondo en la forma que escriben; salvo que es de la forma de una pera que sea toda muy redonda, salvo allí donde tiene el pezón, que allí tiene más alto, o como quien tiene una pelota muy redonda y en un lugar de ella fuese como una teta de mujer allí puesta, y que esta parte de este pezón sea la más alta e más propinca al cielo y sea debajo la línea equinocial y en esta mar oceána en fin del Oriente. [Sempre li que o mundo, terra e agua, era esférico, e as autoridades e experiências que Ptolomeu e todos os outros escreveram deste lugar davam e comprovavam isso, quer por eclipses da lua e outras demonstrações que fazem de Oriente para Ocidente, como da elevação do pólo de Setentrião em Austro. Agora vi tanta desconformidade, como já disse, e por isso passei a considerar isto do mundo, e achei que não era redondo da forma como o descrevem, mas é da forma de uma pera que fosse toda muito redonda, exceto ali onde tem o pedículo, que ali é mais alto, ou como quem tem uma bola muito redonda e em algum lugar dela fosse como um mamilo de mulher ali posto, e que esta parte deste pedículo fosse mais alta e propínqua ao céu e fosse debaixo da linha equinocial e neste mar oceano no fim do Oriente] (Colón, 1986: 180-81; tradução minha).

Margarita Zamora, comentando sobre esse motivo da atração sensual exercida pelas terras descobertas por Colombo, cita o exemplo da carta do Almirante a Santángel descrevendo Cuba. O texto dessa correspondência

creates in the reader a longing for the land, through a rhetoric of desire that inscribes 'the Indies' in a psychosexual discourse of the feminine whose principal coordinates are initially beauty and fertility and ultimately possession and domination.

[cria no leitor uma ansiedade pela terra, através da retórica do desejo que inscreve 'as Índias' num discurso psicosssexual do feminine, cujas principais coordenadas são inicialmente beleza e fertilidade e finalmente possessão e dominação] (1993: 162; tradução minha).

Exemplos como esses, característicos da euforia e visão triunfalista que acompanham a feminização da América, encontram, nesse mesmo discurso sexualizador e de comprometimento ideológico e político, a sua contraparte contrafrásica, disfórica e de apreciação negativa da nativa americana, que deve ser agora – em vez de ser tratada pelo descobridor e colonizador com amorosidade e gentileza, apesar da apetência sexual –, considerada com violência e mesmo com truculência estupradora.

É o que pode ser identificado na seguinte descrição que Michele da Cuneo, um dos tripulantes de uma das viagens de Colombo ao Novo Mundo, faz de uma índia caribenha em carta endereçada a um amigo seu. Aqui o exótico-enquanto-erótico difere do tratamento dado por Caminha, na medida em que suscita a violência sádica marcada por discriminações morais.

O contexto em que isso ocorre é aquele em que Cuneo permite-se por em ação os seus instintos sexuais, numa situação de verdadeiro estupro, satisfazendo-se com a aborígine que se defende, com unhas e gritos, como uma fera fêmea, das incidências selvagens do agressor. Dessa forma, assim escreve o missivista a respeito do incidente:

I wanted to put my desire into execution but she did not want it and treated me with her finger nails in such a manner that I wished I had never begun. But seeing that (to tell you the end of it all), I took a rope and thrashed her well for which she raised such unheard of screams that you would not have believed your ears. Finally we came to an agreement in such manner that I can tell you that she seemed to have been brought up in a school of harlots.
[Eu quis colocar o meu desejo em ação mas ela não o queria e tratou-me com unhas de tal maneira que eu quis nunca ter começado. Mas vendo isso (para lhe contar o fim de tudo) eu peguei uma corda e a amarrei bem, pelo que ela alteou gritos nunca ouvidos que você não teria acreditado nos seus ouvidos. Finalmente, nós chegamos a um acordo, de tal maneira que eu posso lhe dizer que ela parecia ter sido criada numa escola de prostitutas] (Sale, 1991: 140; tradução minha).

Apreciações como essas acerca de ameríndia, feitas de forma ora negativa, ora positiva, ocorrem em muitos textos sobre os descobrimentos e colonização da América que, por afinidade no tratamento temático do assunto, devem ser cotejados. Essa situação ambivalente evidencia de forma clara aquele comentado paradoxo da perfeição feminina, em que se encontram misturados, de acordo com o complexo psicosssexual do conquistador europeu, a apreciação e a atração pelo feminino bem como a sua repulsa femifóbica.

É o que acontece, por exemplo, na seguinte descrição que o suposto pseudo-Vespúcio faz numa carta que endereça a Piero Soderini. Nessa carta, o autor declara claramente a sua euforia e boa disposição em considerar as ameríndias, comentando que elas são pessoas agradáveis, de corpos bem feitos, modestas na exposição da sua genitália, apesar de estarem nuas, raramente têm seios flácidos e ventre deformado, apesar dos frequentes partos por que passam e, finalmente, são hospitaleiras e liberais na franquia do seu sexo aos visitantes que acolhem (Lunenfeld, 1991: 282-839).

Entretanto, em outra carta, considerada de autoria do verdadeiro Vespúcio, endereçada a Francesco de Medici, aquele tom de aprazível muda, quando a virtuosa ameríndia é retratada de forma brutalizada por portar-se com animais instintos libidinosos e por demonstrar grotesca imoralidade sexual. Aqui, ao comentar sobre os costumes dos indígenas, diz que um deles era completamente vergonhoso, qual seja, o de as mulheres,

being very libidinous, make the penis of their husbands swell to such a size as to appear deformed; and this is accomplished by a certain artifice, being the bite of some poisonous animal, and by reason of this many lose their virile organ and remain eunuchs. [sendo muito libidinosas, fazem os pênis dos seus maridos incharem de tal tamanho que parecem deformados; e isto é conseguido por um certo artifício, sendo a picada de algum animal venenoso, e por causa disso muitos perdem o seu órgão viril e ficam eunucos] (Montrose, 1992: 144).

O curioso é que esse mesmo artifício, relatado por Vespúcio para se referir à sexualidade mórbida e destruidora da ameríndia, é, mais de meio século depois, também referido, com um tom mais carregado de censura moral, por Gabriel Soares de Sousa, em seu *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, no capítulo “Que trata da luxúria destes bárbaros”, o qual merece ser transcrito na íntegra:

São os tupinambás tão luxuriosos que não há pecado de luxúria que não cometam; os quais sendo de muito pouca idade têm conta com mulheres, e bem mulheres; porque as velhas, já desestimadas dos que são homens, granjeiam estes meninos, fazendo-lhes mimos e regalos, e ensinam-lhes a fazer o que eles não sabem, e não os deixam de dia, nem de noite. É este gentio tão luxurioso que poucas vezes têm respeito às irmãs e tias, e porque este pecado é contra seus costumes, dormem com elas pelos matos, e alguns com suas próprias filhas; e não se contentam com uma mulher, mas têm muitas, como já fica dito pelo que morrem muitos de esfalfados. E em conversação não sabem falar senão nestas sujidades, que cometem cada hora;

os quais são tão amigos da carne que se não contentam, para seguirem seus apetites, com o membro genital como a natureza formou; mas há muitos que lhe costumam pôr o pêlo de um bicho tão peçonhento, que lho faz logo inchar, com o que têm grandes dores, mais de seis meses, que se lhe vão gastando espaço de tempo; com o que se lhes faz o seu cano tão disforme de grosso, que os não podem as mulheres esperar, nem sofrer; e não contentes estes selvagens de andarem tão encarniçados neste pecado, naturalmente cometido, são muito afeiçoados ao pecado nefando, entre os quais se não têm por afronta; e o que se serve de macho, se tem por valente, e contam esta bestialidade por proeza; e nas suas aldeias pelo sertão há alguns que têm tenda pública a quantos os querem como mulheres públicas (1987: 308).

Embora Soares de Sousa não tenha se referido especificamente às mulheres como agentes diretos desse artifício de alargamento peniano, não deixa, entretanto, de se referir ao contentamento que ele lhes trazia.

No tocante a essa participação da Brasilândia no regime sexual indígena, uma interessante correlação pode ser feita ao se ligar esse regime libidinoso da Brasilândia ao regime alimentar canibalesco. Principalmente se forem levado em conta os relatos dessa prática de devoração da carne humana, que dizem que ela era especialmente regida pela mulher indígena. Nesse sentido, pode ser recordado, nessa associação desses expedientes femininos, a função da tradicional imagem clássica da mulher como devoradora do homem, a qual, no período medieval, de onde os descobridores e colonizadores receberam incontestável influência ideológica, recebeu a misógina conotação sexual conhecida por *vagina dentata* (Walker, 1988: 328).

Uma análise dessas imagens relativas à aceitação ou ao repúdio do feminino como realidade natural e humana ameríndias mostram que, embora essas imagens difiram em detalhes, no conjunto elas mostram a presença daquela comentada tendência e disposição masculinista do descobridor e colonizar para escrutinar a natureza americana identificada como feminina, objeto de intenções políticas e promocionais. E é finalmente nesse sentido que, conforme comenta Patricia Parker,

the impetus of discovery [...] of uncovering and mining the hidden treasures of earth, and of rhetorical 'display' or opening up to the view, all intersect in the gendered language of showing forth to the eyes, of exposing what was hidden in the womb of a feminized Nature.

[o ímpeto da descoberta [...] de descobrir e minerar as escondidas riquezas da terra, e da exposição retórica o trazer à vista, tudo isso intersecta na

linguagem engendrada de mostrar aos olhos, de expor o que estava escondido no ventre da Natureza feminina] (1987: 142; tradução minha).

Dessa forma, as estratégias do discurso do gênero ou engendramento conferido ao feminino para representar a realidade da América das descobertas e colonização, com recorrências aos diversos tropos anteriormente analisados, culminam na formação de um discurso de forte argumentação retórica e figurativa.

Esse discurso que domina sexualizando, baseado em prerrogativas conferidas ao papel do descobridor e colonizador, serve ainda para mostrar que existe uma íntima relação funcional entre gênero e poder que, no contexto da conquista da América, identifica uma situação de força e imposição que, apesar de sofrer a inconsciência que caracteriza as formações ideológicas, não pode ser considerada inocente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Berger, John. 1997. *Ways of Seeing*. London: BBC Penguin.
- Bloch, R. Howard. 1995. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Tradução Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Caminha, Pero Vaz de. *A Carta de Caminha*. 1965. Estudo crítico de J. F. de Almeida Prado. Rio de Janeiro: Agir.
- Colón, Cristobal. *Los cuatro viajes del Almirante y su Testamento*. 1986. Edição e prólogo Ignacio B. Anzoátegui. Madrid. Espasa-Calpe S. A.
- Cuddon, J. A. 1992. *The Penguin Dictionary of Literary Terms and Literary Theory*. New York: Penguin Books.
- Fanon, Frantz. 1963. *The Wretched of the Earth*. Tradução Constance Farrington. New York: Grove Press.
- Fonseca, Pedro Carlos Louzada. 2011. *Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na colonização do Brasil*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração.
- Greenblatt, Stephen. 1991. *Marvelous Possessions: The Wonder of the New World*. Chicago: University of Chicago Press.
- Kaplan, Cora. 1986. *Sea Changes: Culture and Feminism*. London: Verso.
- Lunenfeld, Marvin. 1991. *1492: Discovery, Invasion, and Encounter: Sources and Interpretations*. Lexington, Massachusetts: D.C. Heath and Company.
- Mackinnon, Catherine. 1987. *Feminism Unmodified*. Cambridge: Harvard University Press.

Montrose, Louis. 1992. The Work of Gender and Sexuality in the Elizabethan Discourse of Discovery. In: Stanton, D. C. (Ed.). *Discourses of Sexuality: From Aristotle to Aids*. Ann Arbor: University of Michigan Press, p. 138-184.

Parker, Patricia. 1987. *Literary Fat Ladies: Rhetoric, Gender, Property*. London: Methuen.

Ruthven, Ken K. 1984. *Feminist Literary Studies: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.

Sale, Kirkpatrick. 1991. *The Conquest of Paradise: Christopher Columbus and the Columbian Legacy*. New York: Plume.

Shapiro, Judith. 1981. Anthropology and the Study of Gender. In: Langland, E.; Gove W. (Ed.). *Feminist Perspective in the Academy: The Difference it Makes*. Chicago: Chicago University Press.

Shohat Ella; Robert Stamm. 1994. *Unthinking Eurocentrism: Multiculturalism and the Media*. New York: Routledge, 1994.

Showalter, Elaine. 1989. *Speaking of Gender*. New York: Routledge, Chapman and Hall.

Sousa, Gabriel Soares de. 1987. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Tuana, Nancy. 1993. *The Less Noble Sex: Scientific, Religious, and Philosophical Conceptions of Woman's Nature*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.

Walker, Barbara. 1988. *The Woman's Dictionary of Symbols and Sacred Objects*. San Francisco: Harper & Row.

White, Hayden. 1992. *Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism*. Baltimore and London: Johns Hopkins University Press.

Zamora, Margarita. 1993. *Reading Columbus*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.

